

Chácara Bindu, uma experiência de agroecologia, conservação produtiva, educação e saúde

Chácara Bindu, an experience in agroecology, productive conservation, education, and health

Ximena Soledad Moreno Sepúlveda¹, Marcos Antonio Trajano Ferreira², Ana Paula Andrade Silva Milhomem¹, André Fenner¹, Virginia da Silva Corrêa¹, Gislei Siqueira Knierim¹, Nelson Filice de Barros³

DOI: 10.1590/0103-11042022E234

RESUMO A crise socioambiental é cada vez mais presente na realidade urbana e rural. A experiência agroecológica neorrural é uma inovação que pode transformar o paradigma produtivo predominante e propor novas formas de relacionamento entre as pessoas. Além disso, pode contribuir para o desenvolvimento de sistemas alimentares que promovem justiça socioambiental, segurança alimentar e nutricional, criação de territórios saudáveis e sustentáveis. O objetivo deste relato de experiência foi apresentar a Comunidade que Sustenta a Agricultura, Educação e Saúde (CSAES) na Chácara Bindu, que desenvolve tecnologias sociais nas áreas de agricultura, educação e saúde no Distrito Federal. O relato da experiência foi desenvolvido em sete itens relacionados com criação, conservação produtiva, educação e saúde no organismo socioagrícola da Chácara Bindu. Destacam-se os vínculos com base na confiança e cooperação, o processo de expansão do modelo da CSAES Bindu a partir de uma Comunidade que Sustenta a Agricultura, a continuidade das entregas de produtos cultivados sem insumos sintéticos e sem agrotóxicos e o acesso das famílias coagricultoras a alimentos saudáveis no contexto de isolamento social imposto pela pandemia da Covid-19.

PALAVRAS-CHAVE. Agroecologia. Sustentabilidade. Segurança alimentar. Plantas medicinais.

ABSTRACT *The socio-environmental crisis is increasingly present in the urban and rural reality. A neorural agroecological experience is an innovation that can transform the predominant productive paradigm and propose new ways of relationship between people. Furthermore, it can contribute to the development of food systems that promote social and environmental justice, food and nutrition security, and the creation of healthy and sustainable territories. The objective of this experience report was to present the Community that Sustains Agriculture, Education, and Health (CSAES) at Chácara Bindu, which has social technologies in the fields of agriculture, education, and health in the Federal District. The experience report was developed in seven items related to creation, productive conservation, education, and health in the social-agricultural organization of Chácara Bindu. The linkages based on trust and cooperation, the expansion process of the CSAES from a Community that Sustains Agriculture, the continued delivery of products cultivated without synthetic inputs and without pesticides, and the access of co-agricultural families to healthy food stand out in the context of social isolation imposed by the Covid-19.*

KEYWORDS Agroecology. Sustainability. Food safety. Medicinal herbs.

¹Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) – Brasília (DF), Brasil.
xmorenosepulveda82@gmail.com

²Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal (SES-DF) – Brasília (DF), Brasil.

³Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) – Campinas (SP), Brasil.



Introdução

A crise agrícola e ecológica existente hoje na maior parte do mundo resulta do fracasso do paradigma dominante de desenvolvimento. As estratégias de incremento produtivo com uso de venenos revelaram-se fundamentalmente limitadas em sua capacidade de promover um crescimento equânime e sustentável¹. Já no século XIX, o foco exclusivo na tecnologia, na ciência materialista e no lucro levou ao uso intensificado dos solos, com introdução de produtos sintéticos, rápida decadência das habilidades agrícolas tradicionais e perda da íntima relação e sensibilidade para com o mundo natural. Em 1924, Rudolf Steiner afirmou que as 'bençãos' do materialismo para a agricultura foram e permanecem enganosas².

Cada vez mais pessoas percebem que os alimentos: contêm resíduos químicos sintéticos nocivos para a saúde; são cultivados com tecnologias pouco sustentáveis e poluentes do meio ambiente; são produzidos em regiões distantes dos locais em que são consumidos; e resultam da exploração exaustiva dos trabalhadores rurais. Também, têm percebido que a vida nas cidades causa cada vez mais adoecimento, seja por constatação intelectual e sanitária, seja porque abundam sintomas físicos e emocionais. Dessa forma, a migração ao campo em busca de novas formas de vida é progressivamente maior, pois é necessário estabelecer novos relacionamentos com o alimento, com os outros seres humanos e com o planeta.

A Chácara *Bindu* resulta da experiência de uma família neorrural, em pequena propriedade periurbana no Distrito Federal, com tecnologia social de financiamento coletivo e produção de importantes soluções para os desafios agroecológicos na contemporaneidade. Na Comunidade que Sustenta a Agricultura, Educação e Saúde (CSAES) *Bindu*, promovem-se: i) novas relações econômicas que desenvolvem a cultura do valor e apreço em substituição à cultura do preço; ii) relações de cooperação orientadas para a agroecologia e

desenvolvimento sustentável; iii) produção de alimentos biodiversos e plantas medicinais sem aplicação de insumos sintéticos e sem agrotóxicos; iv) Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) para famílias coagricultoras; v) conservação produtiva em uma área de amortecimento no entorno do Parque Nacional de Brasília (PNB); vi) processos educativos para crianças, jovens e adultos; e vii) laços de confiança em momentos críticos como o da pandemia da Covid-19.

Diante do exposto, o objetivo deste relato de experiência é apresentar cada um dos aspectos desenvolvidos durante a criação e manutenção da CSAES *Bindu*.

Novas relações econômicas que desenvolvem a cultura do valor e apreço em substituição à cultura do preço

A partir das experiências individuais de *transumância* de um homem, com formação em medicina, e uma mulher, formada em medicina veterinária e gestão ambiental, em busca de construir relações sociais de produção coletiva e sustentável, formou-se uma família neorrural. Mendez³ desenvolveu o conceito de populações 'neorrurais'; e entre os diferentes tipos, definiu os 'neorrurais agroecologistas'. Para o autor, trata-se de pessoas que têm interesse em contribuir nas comunidades rurais, com valores contrários aos da lógica capitalista de mercado (individualismo, eficácia, competitividade, lucro, materialismo, monetarização de todo tipo de troca, entre outros) e afirmação dos valores antimerchantistas (solidariedade, ajuda mútua, vida comunitária, fraternidade, espiritualidade, entre outros). A inovação agroecológica no cenário neorrural consiste na transformação das relações entre indivíduo, natureza e sociedade, com um ativismo crítico ao paradigma de sucesso socioeconômico predominante e o objetivo de tornar visíveis as

interdependências e conexões diretas entre quem produz e quem consome.

Com isso, teve início uma experiência de inovação tecnológica no campo socioambiental, com estabelecimento de relações econômicas mais justas entre as pessoas e conservação produtiva em uma área degradada do entorno do Distrito Federal, a partir de um programa comunitário de sustentabilidade social por meio da agricultura para a promoção da educação e da saúde. Buscou-se o reconhecimento do ofício dos camponeses em relação à produção de alimento e à valorização de um modelo socioprodutivo ecologicamente apropriado, socialmente mais justo e economicamente viável.

Para a família neorrural que formou a Chácara *Bindu*, a primeira necessidade foi da criação de um espaço seguro e acolhedor, capaz de ofertar ambiente adequado para o crescimento e desenvolvimento da autoeducação da família, especialmente do filho e da filha do casal. Em seguida, tornou-se um desafio a produção de alimentos associada aos ritmos da natureza e à criação de relações de cooperação e criação de uma ‘Comunidade que Sustenta a Agricultura’ (CSA). O termo CSA (Community Supported Agriculture ou Agricultura Apoiada pela Comunidade) é mais usado nos países de língua inglesa. Nas CSA, há um acordo com base no apreço mútuo, como um ideal em que o grupo compartilha tanto as suas responsabilidades pela produção dos alimentos quanto pela conservação da paisagem e do solo⁴. Essa nova relação entre produtores e consumidores pode ser positiva no âmbito social, por estabelecer fortes relações entre campo e cidade e por mudar hábitos alimentares ao consumir produtos frescos e livres de venenos. Em maio de 2011, foi efetivamente iniciada a primeira CSA no Brasil pelo agricultor Marcelo Veríssimo da Costa, no bairro rural Demétria, localizado no município de Botucatu/SP. A Associação Comunitária CSA Brasil foi criada em 28 de novembro de 2013 em assembleia realizada na sede da Fundação Mokiti Okada, em São Paulo, mas a abertura

jurídica se deu em 29 de setembro de 2014. Em 2015, a organização sem fins lucrativos ‘CSA Brasil’ promoveu, em Brasília, um curso de fomento à criação de CSA. Atualmente, o movimento das CSA no Brasil está em acelerada e próspera expansão, com 80 fazendas produzindo alimentos orgânicos, abastecendo cerca de 15 mil coagricultores, dos quais 30% estão na área periurbana do Distrito Federal⁵. A partir desse movimento de CSA no mundo, nascem outras organizações de consumidores que apoiam agricultores de base ecológica, entre eles: Teikei no Japão, Amap na França, Reciproco em Portugal, GAS na Itália, ASC no Canadá, entre outros⁶.

Após a construção do espaço seguro, acolhedor e sustentável, foi formada uma comunidade de pais e suas crianças, todas menores de 5 anos, ao redor de uma professora infantil que passou a realizar regularmente as atividades matutinas inerentes à educação infantil pré-escolar, integrando as práticas agrícolas do organismo socioagrícola que se criava. No segundo ano na Chácara, foi construída uma rede intersetorial de apoio mútuo, formada por outras CSA e instituições de ensino e assistência ligadas à antroposofia. Os fundamentos da rede intersetorial foram a confiança, o trabalho humano justo e a liberdade, esta última entendida como uma qualidade adquirida pelo ser humano autoconsciente de suas responsabilidades, deveres e obrigações para com uma comunidade.

Ainda no segundo ano da Chácara *Bindu*, as atividades vivenciais de cunho educativo se intensificaram com ações voltadas para alunos do ensino fundamental, mutirões agroflorestais e cursos relativos à saúde, educação e agricultura para jovens e adultos. Em parceria com a coordenação acadêmica do Curso de Agroecologia do Instituto Federal de Brasília *Campus Planaltina* (IFB), foram realizadas vivências com estudantes de graduação e pós-graduação de outras Instituições de Ensino Superior (IES). A realização dessas atividades motivou a abertura de uma vaga para estudante de graduação, para a realização de estágio

focado no campo e no estabelecimento de ensino e aprendizagem das atividades de cultivo vegetal agroecológico. Criou-se um sistema de bolsas de graduação para fixação de jovens no campo, de modo que as ofertas de produção agroecológica funcionem como cenário de autoeducação de crianças, jovens e adultos.

No terceiro ano da experiência, foi desenvolvido o princípio da atuação, no qual se buscou promover ambiente seguro para autoeducação, por meio da vivência da agricultura em comunidade, promoção de saúde, cuidado e salutogênese. A unidade agrícola, agora biodinâmica (o conceito de agricultura biodinâmica foi desenvolvido por Rudolf Steiner e ensinado no curso 'Fundamentação da ciência do espírito para a prosperidade da agricultura', ministrado por Steiner em Koberwitz, em 1924, sob a forma de oito conferências)¹, passou a contar com uma pré-escola com jardim infantil associativo para seis crianças em idade pré-escolar, orientada pela pedagogia Waldorf, que traz a prática das atividades cotidianas dos seres humanos e a observação viva da natureza como processo educativo⁷.

A partir das definições conceituais e práticas realizadas ao longo dos três primeiros anos, criou-se a CSAES *Bindu*. A Comunidade passou a ser responsável pela realização de diversos cursos de manejo sustentável com profissionais e acadêmicos ligados à área de produção e extensão rurais. Muitos temas foram abordados; e entre eles, destacam-se: meliponicultura, horticultura, manufatura de estufas de bambu, bioconstrução, agricultura biodinâmica e antroposofia. Uma por uma, foram sendo trilhadas as etapas biodinâmicas desde o uso de preparados biodinâmicos até o uso de informações astronômicas para guiar a sequência de tarefas e meditações antroposóficas.

No quarto ano, a CSAES avançou para novos projetos, apoiando outros organismos socioagrícolas a se formarem, promovendo cursos de capacitação em áreas de interesse da agricultura, educação e saúde, com o objetivo de ampliar a oferta e o acesso à informação de qualidade. Nesse período, foram desenvolvidos

fitocosméticos, a partir das plantas medicinais cultivadas em regime biodinâmico na Chácara. A concepção de cooperação e sustentabilidade buscou reduzir ao máximo a perspectiva de compra e venda, de modo que a contrapartida financeira garanta principalmente a execução dos processos produtivos para ofertar gêneros alimentícios sem precificação final. Uma vez que os alimentos têm custo, mas não têm preço, elimina-se o aspecto mercantil. Na CSAES *Bindu*, não há venda de gêneros alimentícios excedentes, pois toda a produção é ofertada à comunidade.

A tecnologia social desenvolvida na CSAES *Bindu* tem sido utilizada para inspirar mutirões de cooperação na Unidade Básica de Saúde nº 1 do Lago Norte, em Brasília, na qual se desenvolve um projeto de recuperação produtiva, a partir do cultivo de plantas medicinais, Plantas Alimentícias Não Convencionais (Panc) e plantas aromáticas, que funciona, respeitando as normas da vigilância em saúde, como oficinas terapêuticas promotoras de saúde e de educação em saúde, conforme diretrizes da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde (SUS)⁸.

No quinto ano de existência, um desafio externo colocou a comunidade da Chácara à prova, em relação às noções de construção social coletiva, pois, a partir daquele momento, teve início uma grande crise sociopolítica, econômica e ambiental que assola o País desde então.

Relações de cooperação orientadas para a agroecologia e desenvolvimento sustentável

Em 1920, um aluno de Rudolf Steiner citou a construção de 'associações de consumidores' para solucionar os problemas que já eram evidentes nos cultivos, como também para liberar o solo e a terra de serem vistos como mercadoria, com a agricultura devendo ser

integrada a uma nova forma de organizar a vida econômica³. Desde o início do século XX, Steiner alertava sobre os problemas advindos da ideia de considerar alimentos como *commodities*. Segundo ele,

Em primeiro lugar deve haver pessoas capazes de produzir, peritos e competentes em sua profissão. Delas tem de depender o processo de produção. Os homens capazes e competentes devem unir-se e cuidar da vida econômica, baseada na produção oriunda da iniciativa dos indivíduos. É esse o verdadeiro princípio associativo. Primeiro se cuida da produção, e depois o produto é levado ao consumo, com base na associação das pessoas que produzem⁷⁽⁴⁰⁾.

As atividades desenvolvidas na Chácara *Bindu* são orientadas por esses princípios de cooperação e sustentabilidade. Assim, formam parte da comunidade, entre outros participantes: a psicóloga coagricultora, que troca dois encontros psicoterapêuticos com a agricultora da Chácara por uma cesta grande de alimentos por semana; o biólogo coagricultor, com formação em medicina tradicional chinesa, que troca dois atendimentos para os agricultores e um estagiário da Chácara por uma cesta grande de alimentos por semana; a fotógrafa coagricultora, que apoia na produção da identidade visual das mídias da *Bindu* em troca de uma cesta pequena de alimentos por semana. Além desse tipo de trocas de serviços, também acontece cooperação e sustentabilidade na forma de financiamento coletivo. Por exemplo, para aquisição de um computador portátil para a agricultora, foi planejado com toda a comunidade o adiantamento das cotas financeiras de uma coagricultora. Em outra oportunidade, outra coagricultora comprou, em troca de quatro cotas mensais, uma bicicleta para servir à comunidade.

Todas essas ações de cooperação incrementam as relações de confiança entre as pessoas que não se conhecem previamente e se dispõem a construir uma comunidade de produção autossustentável. O impacto gerado pela

confiança mútua reflete na sustentabilidade das relações econômicas e ganha dimensão de tecnologia social promotora de saúde, cuidado e relações de solidariedade.

Produção de alimentos biodiversos e plantas medicinais sem aplicação de insumos sintéticos e sem agrotóxicos

Considerando a dificuldade de prever fenômenos naturais, climáticos e geológicos, impossíveis de controlar, o *homo sapiens* tem respondido criando inumeráveis inventos ou criações culturais. Essas condições objetivas da realidade confirmam o vínculo que ata a humanidade com as condições ambientais do planeta. Poder-se-ia falar, em princípio, que o contato entre a sociedade-natureza nas sociedades agrícolas é um contato entre dois sistemas: o sistema social e o ecossistema, que conformam um terceiro sistema: o sistema agrícola⁹.

Os ecossistemas naturais no meio rural campesino são mais bem definidos como ‘agroecossistemas’⁹. O sistema é compreendido como uma estrutura, um funcionamento e uma dinâmica. Significa que é um todo organizado, cuja estabilidade está sujeita a perturbações endógenas e a fatores exógenos que propiciam processos de desestruturação e reestruturação. As formas de organização, normas e estilos, assim como as expectativas de vida, estão indissolúvelmente marcadas pelas atividades agropecuárias, silvícolas e extrativas. A interação dos componentes desse sistema determina a concepção e o manejo agroecossistêmicos da comunidade, propiciando a conservação e a organização social¹⁰.

Observando a noção de agroecossistemas, os agricultores da CSAES *Bindu* sempre optaram por cultivar a maior diversidade possível de plantas nativas e desenvolver práticas cuidadosas de manejo da água, uma vez que um organismo socioagrícola sistêmico exige biodiversidade. Quanto mais interações ecológicas e sinergismos

entre os componentes biológicos, maior a fertilidade do solo, a produtividade e a proteção das culturas¹¹. A produção sustentável em um agroecossistema deriva do equilíbrio entre agricultores, plantas, solos, nutrientes, luz solar, umidade e outros organismos coexistentes. O agroecossistema é produtivo e saudável quando essas condições de crescimento estão equilibradas, prevalecem e possibilitam às plantas tolerar estresses e adversidades¹². Ademais, a busca de uma agricultura menos dependente de insumos químicos é parte de um desenvolvimento sustentável e que concilia necessidades econômicas e sociais das populações humanas com a preservação da sua base natural¹³.

Cada organismo socioagrícola tem uma determinada individualidade, que pode ser observada, medida, avaliada, modificada – até certo ponto – mediante a ação humana de terraceamento, irrigação, drenagem etc. A expressão vital do organismo socioagrícola se revela na natureza vegetal; a expressão anímica apresenta-se na integração dos processos humanos, juntamente com a abundância e a diversidade da fauna presente no ambiente. O organismo agrícola é constituído, dessa forma, pela comunidade humana e suas imagens, pensamentos e trabalho, que transformam a diversidade em inteireza¹⁴. A escultura social da qual resulta o organismo socioagrícola *Bindu* é alicerçada em relações polares-complementares, nas quais a biodiversidade desempenha um papel regulador insubstituível para a manutenção do equilíbrio dos ecossistemas, implantação de agrofloresta com alta densidade de espécies vegetais nativas e promoção da saúde.

Assim, o cultivo de agrofloresta biodiversa e o foco na produção de hortaliças de ciclo curto em consórcio com plantas medicinais e nativas de ciclo longo permitiram a produção semanal, também, de uma ou duas plantas medicinais na cesta de alimentos da Chácara *Bindu*. Além disso, tornou possível a produção para destilações e obtenção de óleos essenciais, os quais têm alto valor agregado, permitem armazenamento em grande quantidade e em pequenos espaços. O coproduto da destilação, o hidrolato, possibilitou a fabricação

de cosméticos artesanais com matérias-primas naturais e origem controlada. A comercialização desses produtos promove saúde financeira para o organismo socioagrícola.

Segurança alimentar e nutricional para trinta e cinco famílias coagricultoras

O organismo socioagrícola *Bindu* beneficia com cestas de alimentos entre 35 e 40 famílias que participam da manutenção dessa tecnologia social. Elas recebem grande diversidade de alimentos colhidos semanalmente em uma caixa agrícola padrão contendo de 12 a 15 itens, desde folhagens até frutas, incluindo raízes, tubérculos, flores, ervas aromáticas e medicinais. A oferta é contínua durante o ano, e os produtos variam de acordo com a estação.

Os vínculos de confiança e apreço, mais do que de ‘preço’, tornam possíveis doações dos alimentos para famílias de baixa renda, quando algum coagricultor não pode ou não deseja receber a cesta. Em caso de comunicação antecipada, os alimentos podem deixar de ser colhidos; e as cestas, distribuídas. Desde o início das atividades da CSAES *Bindu*, foram entregues mais de 6.400 cestas com produtos biodiversos, cultivados sem insumos sintéticos e sem agrotóxicos.

Conservação produtiva em uma área de amortecimento no entorno do Parque Nacional de Brasília

A CSAES *Bindu* foi implantada na área de amortecimento do PNB, em uma área de 2 hectares, com solo degradado, improdutivo e abandonado após atividade agrícola com agrotóxicos. Uma zona de amortecimento é tão importante quanto a própria criação da unidade de conservação,

uma vez que serve como filtro dos impactos negativos de atividades externas, como poluição, espécies invasoras etc.¹⁴. Para Santilli¹⁵, possuir uma propriedade em zona de amortecimento é uma responsabilidade social muito elevada, pois se trata de uma área protetora, com função social especial e sujeita a rigor na aplicação das normas legais. A importância das zonas de amortecimento é ímpar, também, porque, de um modo ou de outro, tem a responsabilidade de transformar o modelo de utilização das propriedades vizinhas para obter o maior benefício. Sabe-se que:

As zonas de amortecimento são marcadas por amores e ódios com os vizinhos. Há uns que consideram que a presença da unidade de conservação na proximidade é positiva, que a área protege as águas, que a biodiversidade ajuda a manter o equilíbrio das pragas na produção, que valoriza as regiões pelas belezas. Outros sentem impedimentos pela presença da autoridade florestal, consideram um prejuízo não poder plantar o que se queira etc.¹⁴⁽⁷⁰⁾.

O PNB necessita que as áreas vizinhas se transformem em matrizes mais amigáveis para as espécies que o visitam e que as pessoas passem a trabalhar como aliadas na construção dessa matriz para o Parque. O desafio do organismo socioagrícola *Bindu* tem sido o de construir, com os seus vizinhos, noções ampliadas de cuidado com o parque e soluções para os problemas comuns em sua área de amortecimento.

Processos educativos para crianças, jovens e adultos

A CSAES *Bindu* promove cursos, mutirões, grupos de estudo, dias de campo, campo de estágio, visitas guiadas e outras práticas educativas na área da agroecologia, agricultura biodinâmica, meliponicultura, bioconstrução, plantas medicinais, jardinagem, floricultura, viveirismo, técnica de ferrocimento, piscicultura, cosmetologia natural e rodas de constelação familiar. Além disso, mantém uma

pré-escola associativa que se orienta pela pedagogia do fazer.

A premissa declarada por Steiner que: “não há, basicamente, em nenhum nível, outra educação que não seja a autoeducação”¹⁶⁽¹²⁶⁾ levou a CSAES *Bindu* a promover processos educativos para crianças, jovens e adultos alicerçados nos princípios de que, segundo Ricardo e Macedo (2004) o conhecimento ecológico local, considerado por muitos, rudimentar e supérfluo, é em realidade o fruto da adaptação humana ao meio ambiente, e pode ser uma ferramenta para o desenvolvimento e a conservação da diversidade biológica e cultural citado por Moreno¹⁰.

Os princípios de caráter integrador, holístico e sistêmico da ecologia, bem como o reconhecimento de sua complexidade, dinâmica e diversidade, obrigam a repensar constantemente a natureza epistemológica da separação entre socioesfera e exosfera, ou seja, entre a humanidade e a natureza¹¹.

Laços de confiança em momentos críticos como o da pandemia da Covid-19

Nas últimas três décadas, o perfil de morbimortalidade no Brasil teve significativas mudanças. As três principais causas de anos de vida perdidos na década de 1990 foram doenças diarreicas, infecções respiratórias e prematuridade; porém, atualmente, as causas passaram a ser infarto agudo do miocárdio, violência interpessoal e acidentes automobilísticos¹⁷. O século XXI chegou ao Brasil trazendo um desafio para o setor saúde, pois as novas epidemias estão diretamente ligadas ao comportamento humano, especialmente no campo da inatividade, do isolamento social e da violência. Sem substituir o combate às epidemias, é preciso desenvolver mecanismos de cooperação e solidariedade, baseados em um paradigma de desenvolvimento econômico que dialogue com a sustentabilidade, não

apenas dos recursos naturais, mas também do desenvolvimento humano.

Não bastassem esses desafios, o ano de 2020 trouxe-nos a pandemia de Sars-Cov-2, que ameaça a economia mundial, afeta bilhões de pessoas com Insegurança Alimentar e Nutricional (InSAN) e estabelece uma crise sanitária sem antecedentes nos últimos 100 anos. Quase metade (49%) da população brasileira com 18 anos ou mais declarou ter mudado os hábitos alimentares durante o período da Covid-19 no Brasil. Registrou-se aumento no consumo de alimentos industrializados, especialmente entre pessoas residentes com crianças ou adolescentes; e aproximadamente 1 em cada 5 brasileiros com 18 anos ou mais passou por algum momento em que não tinha dinheiro para comprar comida¹⁸. O organismo socioagrícola *Bindu* também sofreu com as mudanças impostas pela epidemia e a necessidade de distanciamento, no entanto, seguiu com a produção agrícola e suspendeu visitas e todas as atividades educativas regulares. Também durante a pandemia, houve reestruturação para participar do esforço coletivo em prol de ofertar gêneros alimentícios em forma de doações para comunidades do entorno do Distrito Federal e para uma escola pública.

O vínculo formado com base na fraternidade e na cooperação garantiu a continuidade das entregas de cestas, favorecendo o acesso das famílias a alimentos saudáveis. Com os produtos, foram cultivados laços de confiança em um contexto de aumento do risco de InSAN durante o isolamento, ciclo de elevação dos preços, aumento da estocagem, diminuição da oferta de todos os tipos de produtos, redução e escassez que produziram cenários de maior vulnerabilidade, pobreza, miséria, fome e exclusão.

A oferta de alimentos, de Panc e de plantas medicinais foi mantida regularmente. Dessa forma, a tecnologia social empregada no relacionamento da CSAES *Bindu*, ainda que sob forte tensionamento, mostrou-se viável para promover SAN, além de inspirar a confiança

mútua e a cooperação entre agricultores e coagricultores em torno da conservação produtiva e das demais consequências dela advindas.

Considerações finais

O objetivo deste relato de experiência foi apresentar tecnologias sociais nas áreas de agricultura, educação e saúde que possibilitaram a criação e manutenção da CSAES *Bindu* no Distrito Federal. As implicações do desenvolvimento desse tipo de experiência são amplas e encontram a sua justificativa na crise socioambiental, cada vez mais presente, na realidade urbana e rural. Essa inovação agroecológica neorrural tem transformado o paradigma produtivo e proposto novas formas de relacionamento entre as pessoas, com o desenvolvimento de sistemas alimentares que promovem justiça socioambiental, soberania, SAN e a criação de territórios saudáveis e sustentáveis.

Assim, a CSAES *Bindu* tem contribuído com o desenvolvimento de reflexões teóricas e experiências práticas sobre: relações econômicas baseadas na cultura do valor e apreço; relações de cooperação orientadas para a agroecologia e desenvolvimento sustentável; produção de alimentos biodiversos sem insumos sintéticos e agrotóxicos; SAN; conservação produtiva em área de amortecimento e laços de confiança em momentos críticos.

Colaboradores

Sepúlveda XSM (0000-0001-7906-387X)*, Ferreira MAT (0000-0002-0709-6063)*, Milhomem PAS (0000-0002-4640-8824)*, Fenner A (0000-0002-6217-3893)* e Barros NF (0000-0002-2389-0056)* contribuíram para concepção, elaboração e revisão final do manuscrito. Corrêa VS (0000-0001-7763-5475)* e Knierim GS (0000-0002-4811-5769)* contribuíram para concepção e elaboração do manuscrito. ■

*Orcid (Open Researcher and Contributor ID).

Referências

1. Steiner R. Fundamentos da Agricultura Biodinâmica: vida nova para a terra/Rudolf Steiner. Trad. G. Bannwart. São Paulo: Antroposófica; 2010. p. 240.
2. Altieri M. Agroecologia: A dinâmica produtiva da agricultura sustentável. Porto Alegre: UFRGS; 2004.
3. Selg P. Koberwitz, Pentecostes 1924 – Rudolf Steiner e o Curso de Agricultura. Florianópolis: Insular; 2016.
4. Mendez M. Una tipología de los nuevos habitantes del campo: aportes para el estudio del fenómeno neorrural a partir del caso de Manizales, Colombia. Rev. Econ. Soc. Rural. 2013; (51):31-48.
5. Pohlmanh H. Homem ocidental – homem oriental. Soc. Antrop. Brasil. Boletim. 2012; (67):18-23.
6. Lencioni R, Franco, F, Alveres, S. A economia associativa na agricultura de base ecológica: um estudo de casa da CSA Demetria, Botutatu, SP. Rev Plant. Sonhos: exp. Agro. Est. São Paulo. 2018; 193-199.
7. Steiner R. O Futuro Social: seis conferências proferidas em Zurique de 24 a 30 de outubro de 1919/Rudolf Steiner. São Paulo: Antroposófica; 1986.
8. Brasil. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2015.
9. Castro F. Colapsos ambientais-transiciones culturales. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México; 2006.
10. Moreno X. Modificación de los manejos pastoriles de las comunidades Aymaras del Salar del Huasco e de Lirima. Santiago: Universidad de Chile; 2011.
11. Altieri MA. Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa. Rio de Janeiro. PTA/FASE. 1989.
12. Khatounian A. A restauração ecológica da agricultura. Botucatu: Editora Agroecológica; 2001.
13. Miklós AAW. Agricultura biodinâmica, nutrição e desenvolvimento humano (recurso eletrônico). São Paulo: Associação Brasileira de Agricultura Biodinâmica; 2019.
14. Ramos P. La transición agroecológica para la zona de amortiguación del parque nacional de Brasília. [dissertação]. Andalucía: Universidad Internacional de Andalucía; 2009.
15. Santilli J. Unidades de Conservação da Natureza, Territórios Indígenas e de Quilombolas: aspectos jurídicos. In: Rios AVV, Irigaray CTH. O direito e o desenvolvimento sustentável: curso de direito ambiental. São Paulo: Petrópolis; 2005.
16. Steiner R. A prática pedagógica: Segundo o conhecimento científico-espiritual do homem. São Paulo: Antroposófica; Federação das Escolas Waldorf no Brasil; 2013.
17. Institute for Health Metrics and Evaluation. Burden of disease in Brazil, 1990–2016: a systematic subnational analysis for the Global Burden of Disease Study 2016. Lancet. 2018; (392):760-75.
18. Fundo das Nações Unidas para a Infância. Impactos primários e secundários da COVID-19 em Crianças e Adolescentes. Apresentação Online, 25 agosto, 2020. [acesso em 2022 maio 26]. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/9966/file/impactos-covid-criancas-adolescentes-ibope-unicef-2020.pdf>

Recebido em 30/09/2020

Aprovado em 26/07/2021

Conflito de interesses: inexistente

Suporte financeiro: não houve